

LEITURAS
SOBRE

O

**CAVALEIRO
INEXISTENTE**

Recepção da obra
de Italo Calvino
por estudantes do
Curso Superior de
Produção Cultural

IFRN
2023



EDITORA
BRADAMANTE

LEITURAS
SOBRE
O
CAVALEIRO
INEXISTENTE

Recepção da obra
de Italo Calvino por estudantes do
Curso Superior de Produção Cultural

Organizadores

Brena Marina Dantas Guilherme
José Aglio Neto
Gislanne K. S. Dantas
Marcel Lúcio Matias Ribeiro
Vinícius Vale

Produção editorial

Áurea Olivia da Silva Serafim
Helena Pimenta Gurgel
Isaac Garcia da Luz
Judson de Araújo Barbosa
Mariana Kardinaly Teixeira Dantas
Marília Santos de França Barros
Marquidones Teixeira da Silva
William Pereira da Costa

Produção Gráfica

Adriana Rodrigues da Silva
Gabriella Oliveira da Silva
Luana Vitória dos Santos Agostinho
Marielle Silva de Azevêdo
Vinícius Vale

Marketing

Breno Douglas da Silva
Denise Amaro Barbosa
Estéfany Cardoso da Silva
Pedro Marcelino de Lira
Suyanny Souza Gomes Pinheiro de Medeiros

Comercialização e Administração

Débora Kely de Freitas Ferreira
Liliane Silva do Rosário
Pâmela Araújo da Silva
Rosylaine Pereira da Silva
Yasmim Joyce de Souza Caridade

L533 Leituras sobre o cavaleiro inexistente : recepção da obra de Italo Calvino por estudantes do Curso Superior de Produção Cultural IFRN 2023 [livro eletrônico] / organizado por Brena Marina Dantas Guilherme... [et al]. — Dados eletrônicos. — Natal : Bradamante, 2023.

92 p. ; PDF: il.

ISBN: 978-65-00-84041-4

1. Literatura norte-riograndense — Crítica literária. 2. Crítica literária norte-riograndenses. I. Guilherme, Brena Marina Dantas. II. Aglio Neto, José. III. Dantas, Gislanne K. S. IV. Ribeiro, Marcel Lúcio Matias. V. Vale, Vinícius. VI. Título.

IFRN/SIBi

CDU 82(813.2)-95

Divisão de Serviços Técnicos
Catalogação da publicação na fonte
elaborada pela Bibliotecária

Nara Raquel Gomes de Carvalho — CRB-15/425/O

Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los.



APRESENTAÇÃO

No ano do centenário de Italo Calvino, foram lançados quatro desafios aos estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Produção Cultural, do IFRN: ler, analisar, escrever artigos e editar um livro sobre a obra *O cavaleiro inexistente* (1959), de Italo Calvino. O percurso para a execução de cada estágio ocorreu durante o semestre 2023.1, na disciplina de Fundamentos da literatura.

Os discentes envolvidos no projeto vivenciaram etapa por etapa do processo editorial: desde a criação do conteúdo, passando pela produção editorial e pela produção gráfica, até o momento de se colocar o livro na rua, na calçada, na exposição.

Agora, tendo cumprido todos os desafios propostos, apresentamos o resultado: a obra coletiva de crítica literária: *Leituras sobre O cavaleiro inexistente, recepção da obra de Italo Calvino por estudantes do Curso Superior de Produção Cultural, IFRN!*

O livro apresenta 19 artigos, nos quais são assinalados aspectos visíveis e invisíveis de *O cavaleiro inexistente*. Os artigos desenvolvem a análise da obra de Calvino com rapidez e leveza, buscando identificar a consistência literária e a contemporaneidade da obra *O cavaleiro inexistente*. Esperamos, com isso, promover a literatura de Calvino e contribuir com a fortuna crítica desse autor tão relevante para a cultura ocidental.

SUMÁRIO

<i>O Cavaleiro Inexistente: uma aventura fantástica em busca da identidade.</i> Por Adriana Rodrigues da Silva.....	8
Análise histórica de <i>O Cavaleiro Inexistente</i>, de Italo Calvino. Por Áurea Olívia da Silva Serafim.....	10
<i>O cavaleiro inexistente: realismo fantástico e verossimilhança.</i> Por Brena Marina Dantas Guilherme.....	13
Italo Calvino e a cavalaria medieval de <i>O Cavaleiro Inexistente</i>. Por Breno Douglas da Silva.....	16
Sobre <i>O Cavaleiro Inexistente</i>. Por Débora Kely de Freitas Ferreira.....	18
<i>O Cavaleiro Inexistente: uma análise do livro de Italo Calvino.</i> Por Denise Amaro Barbosa.....	21
Recortes sobre <i>O Cavaleiro Inexistente</i>, de Italo Calvino. Por Estefany Cardoso da Silva.....	23
Uma análise crítica e psicanalítica sobre o personagem Agilulfo Emo Bertrandino dos Guildiverni, de <i>O Cavaleiro Inexistente</i>, de Italo Calvino. Por Gislanne K. S. Dantas.....	25
Apontamentos sobre a identidade na obra <i>O Cavaleiro Inexistente</i>. Por Helena Pimenta Gurgel.....	27
<i>O Cavaleiro Inexistente: a inexistência das narrativas humanas.</i> Por Isaac Garcia da Luz.....	28
Sutileza e emoções com Italo Calvino. Por Liliane Silva do Rosário....	31
Como assim Italo Calvino, Bradamante e Irmã Teodora são a mesma pessoa? Por Luana Vitória dos Santos Agostinho.....	33
Através da história. Por Mariana Kardinaly Teixeira Dantas.....	35

SUMÁRIO

O cavaleiro que tudo faz, mas não existe. Por Marielle Silva de Azevedo Dantas.....	37
Explorando o epílogo de <i>O Cavaleiro Inexistente</i>. Por Marília Santos de França Barros.....	38
<i>O Cavaleiro Inexistente</i>: uma reflexão sobre identidade e propósito. Por Pâmela Araújo da Silva.....	40
<i>O Cavaleiro Inexistente</i>: relação da narradora da história com a personagem Bradamante. Por Rosylaine Pereira da Silva.....	42
Agilulfo, <i>O Cavaleiro Inexistente</i>. Por Suyanny Souza.....	44
Sobre <i>O Cavaleiro Inexistente</i>. Por Yasmim Joyce de Souza Caridade.....	47

O cavaleiro inexistente: uma aventura fantástica em busca da identidade

Adriana Rodrigues de Silva

Se você está procurando uma obra literária que o transporte para um mundo de fantasia cheio de personagens excêntricos e situações hilárias, então *O cavaleiro inexistente*, de Italo Calvino, é o livro perfeito para você. Publicado pela primeira vez em 1959, o livro explora temas profundos e complexos, como a identidade, a existência e o propósito de vida. Prepare-se para uma jornada divertida, repleta de ironias e reflexões, tudo isso embalado por uma narrativa encantadora.

A história do livro se passa na época medieval e gira em torno de Agilulfo Emo Bertrandinio dos Guildiverni e dos Altri Corbentraz e Sura, Cavaleiro da Ordem dos Templários. Um guerreiro nobre e leal que possui apenas uma peculiaridade: ele não possui corpo! Sim, você não leu errado, nosso protagonista é um cavaleiro sem corpo. Mas apesar disso, ele é considerado um cavaleiro exemplar e luta batalhas com bravura, mesmo sem ter uma existência material. Parece impossível, não é? Mas Calvino nos mostra que no mundo da fantasia tudo é possível, inclusive a existência de um cavaleiro inexistente. Agilulfo, mesmo sem uma forma física, é um personagem complexo e cativante e é através dele que Calvino nos confronta

com a questão fundamental da identidade. O que define o que somos? Somos meramente o corpo físico ou existem outros elementos que nos tornam humanos?

Agilulfo é um ser puramente espiritual, desprovido de corpo, mas sua alma e espírito são repletos de valores, devoção e amor.

No decorrer da história Agilulfo se envolve em várias aventuras, enfrentando dilemas e desafios que testam sua existência e sua identidade. Ele busca incansavelmente a perfeição em suas ações, lutando contra os obstáculos físicos e emocionais que surgem em seu caminho. No entanto, Calvino adiciona seu toque pessoal ao texto, deixando-o repleto de elementos absurdos e humor satírico, a maneira como ele descreve as situações é simplesmente genial, nos fazendo rir com sua sagacidade e ironia.

Além do cavaleiro Agilulfo, somos apresentados a outros personagens igualmente peculiares. Temos a donzela Bradamante, uma guerreira destemida que acaba se apaixonando pelo cavaleiro sem corpo. Ela é uma personagem forte e corajosa, uma verdadeira quebra de estereótipos femininos da época. Rambaldo, o líder militar pragmático, e não podemos esquecer do fiel escudeiro Gurdulu, que é o único capaz de “montar” o cavaleiro



inexistente em batalha. Esses personagens secundários complementam perfeitamente a história, trazendo ainda mais diversão e reviravoltas ao romance.

Ao explorar essas personalidades contrastantes Calvino nos mostra que a busca pela identidade é uma jornada complexa e multifacetada. Cada personagem tem sua própria motivação e visão de mundo, e suas interações com Agilulfo revelam a diversidade de experiências e perspectivas humanas.

Essa variedade nos lembra que a identidade é fluida e está em constante transformação, moldada pelas circunstâncias e pelas interações sociais.

O cavaleiro inexistente não é apenas um romance engraçado e extravagante mas também uma reflexão sobre a natureza da existência e do propósito de vida. Agilulfo, mesmo sendo um cavaleiro sem corpo busca incansavelmente um senso de identidade e de pertencimento, suas ações mostram que a verdadeira força reside em nossa determinação e nas virtudes que carregamos em nosso coração.

A escrita de Calvino é envolvente e poética transportando o leitor para o mundo onde a imaginação não tem limite. Sua habilidade em criar metáforas e descrições vividas é simplesmente fascinante. Ele nos faz questionar o mundo ao nosso redor e refletir sobre as contradições e absurdos presentes na sociedade atual.

Ao finalizar a leitura de O cavaleiro inexistente, somos deixados com uma

sensação de admiração e perplexidade. Combinando elementos fantásticos, humor inteligente e reflexões profundas, Italo Calvino nos presenteia com uma história única, que nos diverte e nos faz pensar ao mesmo tempo. Então, se você está pronto para embarcar em uma aventura literária incomum, pegue o livro O cavaleiro inexistente, a sua armadura imaginária e mergulhe nesse mundo mágico.

O presente trabalho tem como base a obra *O cavaleiro inexistente*, de Italo Calvino – publicada em 1959, dentro da trilogia *Os nossos antepassados* – escolhida para leitura na disciplina de Fundamentos da Literatura, durante o terceiro período do Curso de Produção Cultural.

A história é narrada por uma freira que cumpre como penitência a tarefa de escrever a história do cavaleiro Agilulfo, um cavaleiro de armadura impecável, mas que não existe. E, apesar de não existir, é o protagonista do livro. Sendo uma inexistência que existe. Entre batalhas e expedições, ele conhece Rambaldo, e toma como seu escudeiro o atrapalhado Gurdulu. É a partir desse encontro que a narrativa acontece e estimula fortes reflexões, a começar pelo sentido da guerra. Durante uma grande batalha entre muçulmanos e cristãos, Rambaldo é salvo pela cavaleira Bradamante, apaixonando-se imediatamente.

Com claras referências a *Dom quixote*, o autor traz para a cena os romances de cavalaria, mas de uma maneira diferente da feita por Miguel de Cervantes. Enquanto *Dom Quixote de La Mancha* era um louco bonachão moldado pela leitura em demasia dos romances de cavalaria,

Agilulfo, a exemplo dos cavaleiros andantes tradicionais, tem um caráter inabalável, nobre, fiel, corajoso e, por isso mesmo, não existe.

Para análise da obra, foi escolhida a crítica histórica, essa corrente investiga como os contextos históricos, sociais e culturais produzem uma matriz interpretativa. Considera temas, ideias e teorias que devam ser vistas dentro de seu contexto histórico, como parte de um sistema maior ao qual se insere. Essa corrente foi escolhida entendendo que o enredo da narrativa é fundamentado num fato histórico real, já que é situado no tempo histórico em que viveu Carlos Magno - rei dos francos de 768 a 814 D.C. e ‘imperador dos romanos’ de 800 a 814.

O cavaleiro inexistente é um romance de cavalaria escrito como fábula, em que o cenário se dá nos campos de concentração do exército do imperador Carlos Magno. A história é contada com um tom sarcástico e cômico, mas são discutidas questões universais referentes à pós-modernidade. Os protagonistas do romance são Agilulfo, um cavaleiro que não existe, Gurdulu, um homem sem consciência de sua existência, e Bradamante, melhor soldado da tropa e também narradora do romance.

A década de 50 do século passado

foi marcada pelos conflitos entre os blocos capitalista e socialista. São exemplos: a Guerra Fria (1947-1991), a Guerra do Vietnã (1955-1975) e, no final da década, a Revolução Cubana (1959), essa última no país natal do autor Italo Calvino e no mesmo ano de publicação do livro.

Italo Calvino, nasceu em 1923 em Santiago de las Vegas, Cuba, e foi para a Itália logo após o nascimento. Foi um dos mais importantes escritores italianos do século XX. Participou da resistência ao fascismo durante a guerra. Após a guerra conheceu diversos militantes comunistas, passou a trabalhar no jornal comunista *L'Unità* e na editora Einaudi. Foi membro do Partido Comunista Italiano até 1956. Publicou sua primeira obra, *A trilha dos ninhos de aranha*, em 1947. Calvino morreu em 1985 em Siena, Itália. Observando os aspectos extraliterários, a leitura traz reflexões complexas, quando mostra a perspectiva do narrador sobre as quebras de convenções sociais e de valores, expõe as dinâmicas sociais, hierárquicas, as complexidades do amor e do desejo em uma sociedade patriarcal e, mesmo que simbolizada em tempos lendários de guerra, é universalmente subjetiva. No capítulo dois, o narrador descreve a rotina do acampamento militar, com suas patrulhas noturnas e turnos de guarda, e a calma que acomete ambos os lados, cristão e muçulmano, quando a noite cai.

No livro, o imaginário presente é que tudo é perfeito e as guerras são necessárias e boas, pois na ideologia europeia a guerra era algo necessário e justo.

Consequentemente, muitos soldados eram vistos como heróis por lutarem com honra e de forma justa. Com alto teor cômico, o narrador ridiculariza a futilidade e o absurdo da guerra, por meio de uma perspectiva histórica.

Alguns heróis importantes que são inseridos no romance, como os cavaleiros do Santo Graal, são considerados pessoas boas por alguns por lutarem em nome do Graal de forma honrosa. No decorrer da história, foi visto que esses cavaleiros saqueavam vilas e provocavam uma crise de fome entre os moradores. Dessa forma, a personagem *Torrismundo*, que convive com esses soldados por algum tempo, percebe que eles não são tão bons como muitos pensavam, e que a honra e a justiça que deveriam ser propagadas pelos cavaleiros, eram tão imaginárias quanto o próprio protagonista, o cavaleiro inexistente.

Essa imagem do cavaleiro perfeito surgiu a partir de ideais religiosos, políticos e inspirados na bravura bélica, uniu-se a figura do cavaleiro medieval – que, antes, eram particularmente desertores, ladrões, homens expulsos de suas cidades ou militares – e a figura dos monges, criando uma nova ideia de cavaleiro: o jovem bravo, porém livre de crueldades, fiel, casto e honrado. Esse perfil, se encaixa perfeitamente com *Agilulfo*, ele era sinônimo de ética e moral, mas não havia nada em seu interior, apenas a armadura branca e reluzente, a perfeição se dava por alguém que não existia. Essa é uma estratégia de Calvino,

trazendo a metáfora de que o perfeito não existe.

Em contraponto ao ser que existe sem existir, há aquele que existe por natureza, mas não tem consciência de sua existência: Gurdulu, ele nunca olha pra si, nem se dá conta da sua existência e funcionalidade no mundo, nem possui uma identidade formada.

São duas realidades postas em contraponto no romance, mas que vão começar a andar juntas, quando Carlos Magno ordena a Agilulfo que treine Gurdulu como seu soldado, porém eles andam juntos, mas não aprendem nada um com o outro. Continuam sendo os mesmos, sem mudança e interação significativas

Calvino usa de linguagem leve e colorida, como ele próprio diz, com propósitos de “divertimento”, para desenvolver temas mais profundos. Utiliza um cenário lendário e fabular para discutir questões atuais, e encontra sentido no contexto em que Calvino viveu e que ele próprio define, em 1955, “A consciência de viver no ponto mais baixo e trágico de uma parábola humana, de viver entre Buchenwald e a bomba H, é o dado de partida de toda nossa fantasia, de todo nosso pensamento”; e, em 1960, no prefácio a *Os nossos antepassados*, ao falar de *O cavaleiro inexistente*: “É também um livro escrito numa época de perspectivas históricas mais incertas que as do ano de 51 e 57”.

Por isso, podemos constatar que, apesar de o enredo se passar no período medieval, o romance em análise está totalmente

vinculado ao contexto histórico do autor.

O cavaleiro inexistente: realismo fantástico e verossimilhança

Brena Marina Dantas Guilherme

O cavaleiro inexistente é um livro de 1959 escrito pelo autor Italo Calvino, sendo um romance de cavalaria que conta a história de Agilulfo Emo Bertrandino dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura, personagem que possui um nome exagerado e uma personalidade imponente para alguém que de fato não existe. Os seis primeiros capítulos do livro servem como uma introdução aos personagens e ao contexto medieval da obra, apresentando Carlos Magno, Rambaldo, Gurdulu, Torrismundo, Sofrônia, Irmã Teodora e consequentemente Bradamante. Já do capítulo sete em diante, acontece de fato o desenrolar da história, juntando todos os personagens em um só propósito: descobrir se Agilulfo realmente merece o título de cavaleiro que ganhou após defender a virgindade de uma donzela há quinze anos.

Logo no início da leitura da obra, e até mesmo pelo impacto do seu título, nos perguntamos como um cavaleiro que não existe será introduzido na história, como ele será recepcionado pelos outros personagens, e o porquê de não existir. Mas quebrando nossas expectativas, Agilulfo acaba por ser bem aceito por todos do exército, sem em nenhum momento questionarem a sua inexistência:

- Ora, ora! Cada uma que se vê - disse Carlos Magno.

- E como é que está servindo, se não existe?

- Com força de vontade - respondeu Agilulfo - e fé em nossa santa causa!

- Certo, muito certo, bem explicado, é assim que se cumpre o próprio dever. Bom, para alguém que não existe está em excelente forma!

(CALVINO, 2005, p. 10)

O histórico imperador Carlos Magno está sendo retratado como um homem já na terceira idade, não se importando mais com questões complicadas como a de Agilulfo, se ele existe ou não pouco lhe interessa. Mas, além do imperador, todos o tratam com naturalidade, viram seus amigos, ou até mesmo se apaixonam por ele, assim como Bradamante.

O mágico acaba fazendo parte da realidade desses personagens, nada mais é motivo de choque. Tudo isso sendo retratado através do humor inteligente de

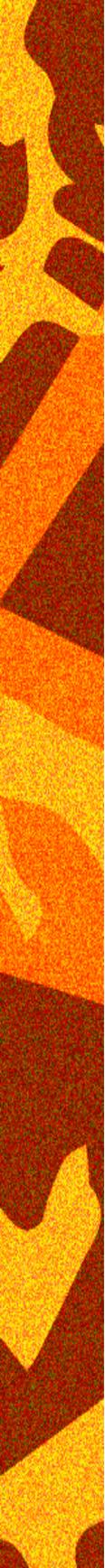
Calvino, trazendo o lúdico e o fantasioso à tona, descrevendo cenas tão inesperadas que acabam tornando o cavaleiro inexistente alguém comum e até normal comparado aos outros, sendo esse realismo fantástico algo característico que fica evidente ao longo do livro, utilizando dessa técnica na sua escrita literária. Pegar carona em tartarugas, andar no fundo do mar como se estivesse andando nas ruas, matar uma baleia com um único golpe de espada, parece surreal mas na realidade desses personagens são acontecimentos comuns e corriqueiros.

Além disso, Agilulfo é um personagem conhecido por sua perfeição, um paladino que sabe exatamente os seus direitos e deveres, com uma armadura impecável ele serve como exemplo para todo o restante do exército. Essa ideia do perfeito, da disciplina, “força de vontade” assim como citado por ele, e até mesmo a fé, servem como uma alegoria a contemporaneidade, afinal alguém perfeito assim jamais seria capaz de existir, ainda mais sendo homem, assim como a própria Bradamante sugere no livro, todos os outros cavaleiros do exército são brutos, mal-educados, e até mesmo violentos, mas, Agilulfo aparece como alguém ideal aos olhos dela, sendo totalmente o oposto dos outros homens, demonstrando muitas vezes sua sensibilidade.

Em contrapartida, Gurdulu aparece como o oposto ao cavaleiro inexistente, alguém que existe mas que não possui consciência de si, todos o chamam por nomes diferentes, seja Gurdu

lu, Omobó ou Gudi-Ussuf, ele é tido como alguém desprezível e alegórico, mas que na verdade pode revelar muito do que é ser humano. Ao contrário do cavaleiro inexistente que leva tudo ao pé da letra, Gurdulu vive livremente e do jeito que for conveniente, é errado ser assim? Por que precisamos sempre viver a serviço do capital e da superprodutividade assim como Agilulfo? Tornar o trabalho o nosso propósito de vida, ser avesso à procrastinação e aos mais puros desejos humanos, isso sim deveria ser desprezível ou incomum.

Por isso, a obra parte de uma perspectiva verossímil, mesmo em um mundo fantástico e completamente fora da nossa realidade contemporânea, uma das grandes características dessa obra e da escrita calviniana é a de mostrar questões realistas que causam reconhecimento do leitor com a obra através da verossimilhança, trazendo questões sociais e problemáticas que se assemelham às nossas vidas, através de uma escrita divertida, mas que, ao mesmo tempo, causa ao leitor o reconhecimento do seu eu perante a sociedade, refletindo sobre o contexto social ao qual está inserido, fazendo comparativos da obra com problemas e vivências pessoais. Questões como produtividade e machismo são facilmente identificadas por nós que estamos lendo, mesmo que essa não tenha sido necessariamente as intenções de Italo Calvino ao escrever. Os aspectos assinalados neste artigo permitem perceber as obras de



Calvino como verdadeiros clássicos da literatura universal, pois, mesmo *O cavaleiro inexistente* tendo sido escrita em meados do século XX, ela passa por um processo de renovação com o tempo, nunca perdendo sua essência e seu poder de afetar quem estiver lendo. Sendo o realismo fantástico, a verossimilhança, e as suas histórias mágicas de cavalaria muito importantes, já que estão indo contra com a massificação à qual estamos acostumados na vida adulta no século XXI, retomando para nós a sensibilidade ao lúdico que acabamos por perder com o tempo.

Referência

CALVINO, Italo. *O cavaleiro inexistente*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Italo Calvino e a cavalaria medieval de

O cavaleiro inexistente

Breno Douglas da Silva

Considerado um dos maiores escritores italianos do século XX, Italo Giovanni Calvino Mameli, é formado em Letras, e iniciou também o curso de Agronomia, porém o abandonou. Nascido em 1923 em Santiago de Las Vegas, Cuba, faleceu em 1985 em Siena, Itália. Sendo o primeiro filho de Mario Calvino e Evelina Mameli, mudou-se para a cidade italiana San Remo, onde viveu sua infância. É autor de inúmeros livros, incluindo a obra *O cavaleiro inexistente*.

Italo Calvino também atuou como jornalista, trabalhou no jornal *L'Unità* e na editora Einaudi. Não satisfeito com a situação política do país em que vivia, o romancista foi membro do Partido Comunista durante a Segunda Guerra Mundial, lutando contra o fascismo e o regime totalitário nazista. Italo Calvino desfilou-se do partido em 1956 por meio de uma carta de renúncia, a qual ficou mundialmente conhecida.

Calvino foi escritor de muitas obras literárias aclamadas, dentre elas, destaca-se sua trilogia escrita na década de 50. Por ordem de publicação, as obras componentes da trilogia são: *O visconde partido ao meio* (1952), *O barão nas árvores* (1957) e tendo, por fim, *O*

cavaleiro inexistente (1959). Neste artigo o objeto de estudo abordado é a cavalaria medieval apresentada na obra *O cavaleiro inexistente*, observando suas origens, contexto histórico, personagens, etc.

A Idade Média, também erroneamente denominada por muitos de “Idade das Trevas”, foi um período da história da humanidade no qual houve muitas transformações para a sociedade, algumas dessas mudanças inclusive mantêm-se até os dias atuais. A cavalaria medieval era formada por nobres que abriam mão de seus interesses pessoais para dedicar uma vida inteira a proteger os interesses da igreja católica e do imperador. É importante destacar que a cavalaria era exclusividade da nobreza, pois apenas os nobres tinham recursos necessários para manter os equipamentos, sendo as demais camadas da sociedade impedidas de participar da cavalaria, como por exemplo, os servos, que não tinham acesso e muito menos condições de manter uma eventual permanência na cavalaria.

O enredo de *O cavaleiro inexistente* é narrado por uma freira, a Irmã Teodora, que cumpre uma espécie de penitência em um convento, de onde ela não pode fugir. Do convento, a Irmã Teodora conta a sátira

de Agilulfo Emo Bertrando dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura, o cavaleiro da corte do imperador Carlos Magno. Agilulfo é aquele personagem que define bem os antigos paladinos da sociedade da cavalaria medieval que buscavam servir o seu imperador. Um personagem perfeccionista, zeloso e esforçado, sempre à disposição para entregar o melhor para o exército. Acredita na justiça, nos valores da cavalaria da época, sempre praticando seus atos com determinação e bondade, porém, ele é um cavaleiro que não existe, dentro de seu elmo encontra-se o vazio. Agilulfo conseguiu o título de cavaleiro defendendo a virgindade de uma mulher. Mesmo não existindo, esse personagem é considerado o paladino mais completo e dedicado de toda a França.

Trazendo referências da cavalaria do período da Alta Idade Média para dentro de sua sátira, Calvino utiliza a figura de Carlos Magno ou Carlos I, o grande, imperador e conquistador medieval da Dinastia Carolíngia, responsável por construir um império tão grande quanto o Império Romano. O personagem é visto pelos seus paladinos como um grande exemplo de modelo de cavaleiro, sendo para Agilulfo, uma grande inspiração a seguir.

Outro personagem da sátira de Calvino que vale destacar é Bradamante, uma figura feminina, cavaleira, que foge completamente às características dos demais paladinos, sendo uma figura moderna. Ao contrário da maior parte

dos cavaleiros, Bradamante é motivada pela força, valentia e coragem e não pelo desejo de servir ao seu imperador, não obstante, também evidencia traços de fragilidades, os quais não necessariamente femininos, mas sim, características humanas. É importante destacar que dentro da construção da personagem em sua narrativa, Calvino não traz a inferiorização da mulher no cenário da Alta Idade Média, algo recorrente em toda a história da humanidade. Essa normalidade de colocar a mulher em um lugar inferior, não surge na Idade Média, surgiu no Império Romano, momento no qual as mulheres foram concebidas como inferiores, e intensificou-se com a inserção do cristianismo na cultura ocidental. Poucas mulheres no período medieval tinham profissão ou alguma autonomia, a maior parte das mulheres tinha suas vidas determinadas pela igreja católica e pela aristocracia.

O cavaleiro inexistente é um enredo que remete às novelas de cavalarias referentes ao século XVI, trazendo várias referências na construção de personagens e até mesmo no cenário em que se passa a história. São notáveis as ligações com obras como Dom quixote, O Rei Arthur, A demanda do Santo Graal e outros clássicos novelescos. Apesar das histórias narradas dos personagens se passarem em um mundo remoto, diferente dos dias atuais, são dilemas e narrativas vividos que são pertinentes a humanidade do mundo moderno e contemporâneo.

O livro *O cavaleiro inexistente*, de Italo Calvino, conta a história do cavaleiro Agilulfo Emo Bertrandino dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura. O enredo da narrativa se passa na França medieval, no período do imperador Carlos Magno. O romance acolhe imediatamente o leitor ao tratar de uma pluralidade de temas modernos, com ideais de mudanças sociais, culturais, artísticas, filosóficas, científicas e estéticas que surgiram após a Segunda Guerra Mundial, considerando que a obra foi publicada em 1959.

O autor utiliza-se de uma ampla alegorização, destacando-se a simbólica armadura branca e vazia, que dá substância à imprecisa identidade do paladino, já que na narrativa há elementos minuciosos, a figura central não existe. A armadura “alva, bem conservada, sem um risco, bem acabada em todas as juntas, (...)” guarda somente uma voz e é como que um exoesqueleto do cavaleiro na busca de feitos para preencher e assegurar sua interioridade. Esse singular detalhe é mote para Calvino pensar, inclusive, a questão do Ser, deixando, talvez, nas entrelinhas a solução da dúvida existencial de Hamlet, mantendo, porém, como arquétipo de cavaleiro, uma armadura

cintilante que interioriza, apenas, a solidão e o vazio através de sua voz metálica.

Essa personagem vive o momento histórico e heróico da cavalaria medieval que, no entanto, no livro é tomada - acompanhando a vereda cervantina - como referência cômica. Calvino brinca, por isso, com a tradição dos romances de cavalaria e traça desse universo idealizado. O contexto cavaleiresco torna-se, então, objeto da hilaridade destrutiva que corrói as bases de um mundo concebido na literatura como lugar de afirmação do sujeito como super-homem audacioso, tributário de solicitações do divino ou dos amores de bem-educadas damas, que o impelem para aventuras, lutas e duelos. Para tanto, o cavaleiro tem como escudeiro Gurdulu o especial sem um pingote de juízo. Por um lado, Agilulfo leva a sério o papel que lhe é dado, uma vez que sua obstinação o torna um modelo de soldado, muito embora, antipático a todos. Por outro, não se sentindo confortável no contexto em que vive, sofre a melancolia da privação de sua individualidade física, seguindo condutas simbolicamente representadas na armadura polida que atua, regulada exclusivamente pela razão e pela convenção. Diametralmente em oposição

a Gurdulu, seus atos são metódicos, sempre pautados pelo racional extremado e pelo completo desprezo pelo que possa comprometer essa racionalidade.

Assim, Agilulfo é sempre, e cada vez mais, uma armadura que fala e anda, mas que serve somente para marcar seu lugar no universo simbólico, enquanto almeja ser recheado pelo prazer, pela vida, imitando e investindo em um personagem através da qual se comunica com o mundo referencial.

A falta de um corpo redundante, inclusive, na ausência de intercâmbios com a sua circunstância, pois o impulso da vida não tem onde se dispersar, anulando-se na dureza da armadura que lhe resguarda a forma para possibilitar seu trânsito pelo social. Ao afirmar que “não ofendo ninguém: limito-me a explicitar fatos, lugar, data e uma grande quantidade de provas”, Agilulfo confirma sua destituição de corporeidade por ser destituído de linguagem. No diálogo com Priscila fica clara essa atitude - e sua regulação pela norma interditante ao Eros - na medida em que ele lança-se numa dissertação sobre a paixão amorosa, encontrando nessa forma de expressão a maneira mais apropriada para ele, inflexível cartesiano, expor suas idéias sobre a paixão e o amor.

No trato com essa viúva, o paladino agrada a mulher ainda que aja de maneira excentricamente “controlada”. Aqui a hilaridade vem do imprevisível, pelo absurdo de sua conduta diante das perspectivas da mulher. O tempo com

ela é assinalado pela repetição e pelo fazer segundo as regras. Vai-se a noite e a ferosa viúva afoga-se nessa perfeita “funcionalidade”.

Mas, surpreendentemente, vê-se realizada e contente: a armadura mostrou-se como o mais perfeito dos amantes. Mesmo assim, Calvino admite que Pulção de Morte está sempre situada além do Princípio do Prazer, quando trata da ironia dos comparsas de Agilulfo quanto ao amor da ardente Bradamante pelo cavaleiro inexistente.

Vale notar, por sinal, que o olhar feminino permeia a narrativa como efeito de Calvino ter colocado como contadora da história uma religiosa, que vive em um convento e que escreve, em sua cela, a história do cavaleiro inexistente.

Enquanto conta as desventuras de Agilulfo e de Gurdulu, a própria freira questiona a si mesma sobre o ato de escrever.

Segundo ela, até que ponto é possível encontrar um sentido para a literatura a não ser fora dela? Por isso, ela termina por trocar sua função de escritora, mergulhando no próprio livro que escreve, no papel de Sofrônia.

Por outro lado, Agilulfo é, também, o homem pós-moderno, fracassado em seu projeto de ser alguém, de ser um ser específico, passando toda a vida como sujeito potencial, sempre reprimido, somente sendo, enquanto subordinado aos interesses do outro-social.

Por outro lado, Agilulfo é, também, o homem pós-moderno,



fracassado em seu projeto de ser alguém, de ser um ser específico, passando toda a vida como sujeito potencial, sempre reprimido, somente sendo, enquanto subordinado aos interesses do outro-social.

Ao cabo e ao final, o inexistente Agilulfo luta sua boa luta e mostra-se como cada um de nós, ser comum, mas, ao mesmo tempo, transcendental, no medievo ou hoje, continuamente envolto em seus conflitos, sua morte, seu ser (ou não ser), que nos lembra nossa densa humanidade que se faz presente na arte da vida ou na vida que, fundamentalmente, é arte.

O cavaleiro inexistente é uma obra do renomado escritor italiano Italo Calvino, publicada em 1959. Neste romance é explorado temas como identidade, realidade e existência através da história do cavaleiro Agilulfo, que paradoxalmente não possui um corpo físico. Este artigo tem como objetivo analisar a sua obra sob a perspectiva da crítica pós-moderna, que se caracteriza por questionar as narrativas tradicionais e a estabilidade dos conceitos.

A corrente crítica pós-moderna emergiu no final do século XX, rejeitando a crença na existência de uma verdade objetiva e a ideia de uma única realidade. Em vez disso, os pós-modernistas enfatizam a multiplicidade de perspectivas e a natureza fragmentada da experiência humana.

Uma das principais características dessa crítica é a desconstrução da identidade como algo fixo e unificado. No livro de Calvino, o cavaleiro é um exemplo dessa desconstrução. Ele não possui um corpo físico, o que desafia a concepção tradicional baseada na corporeidade. Agilulfo representa a possibilidade de uma identidade construída por meio das ações e dos relacionamentos, independentemente de uma

existência material, que também pode ser interpretada como uma metáfora da superficialidade e fragilidade baseada apenas em aparências externas.

O cavaleiro inexistente é composto por uma série de episódios desconexos, nos quais Agilulfo se envolve em diversas situações. Essa fragmentação da narrativa reflete a ideia de que a realidade é multifacetada e não se encaixa em um único enredo coerente. Calvino desafia as estruturas tradicionais da narrativa ao apresentar uma sequência de eventos aparentemente aleatórios.

A história nos apresenta um teor irônico ao explorar a natureza contraditória da existência do paladino. Sua posição como cavaleiro, um símbolo tradicional de heroísmo e força, é irônica uma vez que ele não tem substância física. O autor utiliza da comicidade para criticar as noções preconcebidas sobre identidade e papel social.

Além disso, o romance também explora o conceito de moral e honra. Agilulfo segue rigidamente os códigos de cavalaria, mesmo que sua existência seja meramente simbólica. Essa abordagem levanta questões sobre a natureza da honradez e até que ponto as normas sociais moldam nossas ações.



A análise crítica pós-moderna da obra revela a complexidade e a ambiguidade do texto de Italo Calvino. A desconstrução da identidade, a fragmentação da narrativa e o uso de ironia e paródia são elementos característicos da crítica pós-moderna presentes neste livro. O autor também desafia as estruturas convencionais e convida os leitores a questionarem conceitos já estabelecidos sobre realidade e existência. O cavaleiro inexistente é um exemplo da capacidade da literatura de refletir e criticar as condições pós-modernas, convidando-nos a repensar as formas como entendemos a identidade e a narrativa

Filho de pais italianos, Italo Calvino nasceu em Santiago de Las Vegas, Cuba, no ano de 1923 e retornou à Itália logo após seu nascimento. Se envolveu ativamente na resistência antifascista durante a Segunda Guerra Mundial. Pertenceu ao movimento literário conhecido como neorrealismo, que buscava retratar a realidade social e política italiana com precisão. A política e a história tiveram influência significativa em sua escrita, refletindo-se em suas obras que frequentemente exploram temas sociais, políticos e filosóficos. Uma das obras influenciadas pelos aspectos citados anteriormente é *O cavaleiro inexistente*, que explora temas como identidade, existência e individualidade através de uma narrativa repleta de simbolismos e metáforas.

Cabe ainda assinalar que Calvino foi e é conhecido por sua experimentação literária em produzir romances, contos, ensaios, críticas literárias e também, pela habilidade de combinar diferentes gêneros e estilos. Sua escrita é repleta de metáforas, símbolos e elementos fantásticos, que refletem seu interesse em explorar a condição humana e os desafios da existência.

A obra *O cavaleiro inexistente* foi

publicada em 1959, é uma obra-prima da literatura italiana do século XX, a qual faz parte da trilogia *Nossos antepassados*, composta também pelos livros *O visconde partido ao meio* e *O barão nas árvores*. Essa trilogia representa uma exploração do gênero romanesco e da narrativa fantástica, com elementos que desafiam as convenções literárias tradicionais.

O enredo de *O cavaleiro inexistente* se passa durante a era medieval e segue as aventuras e reflexões de um cavaleiro. A trama se desenrola em torno da busca de Agilulfo por um propósito e por uma identidade, enquanto ele enfrenta desafios e se envolve em situações intrigantes. Ao longo da narrativa o autor aborda temas como a busca pela perfeição, a natureza da realidade, a relação entre dever e individualidade e a contraposição entre a racionalidade e a loucura. Agilulfo Emo Bertrandino dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura, protagonista da história é um personagem peculiar, pois é um cavaleiro que não possui uma existência física, sendo apenas uma armadura vazia, uma concha que representa os ideais e os valores cavaleirescos. Ele personifica a busca pelo sentido da vida em meio a uma realidade fragmentada e caótica.



Feitas essas considerações, a leitura da narrativa em tela possibilita ao leitor voltar ao passado e, ao mesmo tempo, refletir sobre o presente. Por tudo isso, *O cavaleiro inexistente* é considerado um clássico da literatura universal.

Uma análise crítica e psicanalítica sobre o personagem Agilulfo Emo Bertrando dos Guildiverni, de *O cavaleiro inexistente*, de Italo Calvino

Gislanne Karoline da Silva Dantas

O objetivo deste artigo é fazer uma análise crítica psicanalítica do personagem Agilulfo Emo Bertrando dos Guildiverni do livro *O cavaleiro inexistente*, escrito por Italo Giovanni Calvino Mameli, que é considerado um dos grandes escritores do século XX, pela sua escrita ficcional composta por elementos fantasiosos e reflexões filosóficas. O livro *O cavaleiro inexistente*, publicado em 1959, é um romance irônico de cavalaria, repleto de características fantásticas e filosóficas.

O enredo do livro se passa no período medieval, durante o reinado de Carlos Magno, tendo como personagem principal Agilulfo, um cavaleiro dedicado a cumprir seus deveres e seguir os códigos de honra dos cavaleiros, servindo com lealdade à Corte. É um personagem único, que apesar de ser famoso pela sua bravura e habilidades de combate, não passa de uma armadura vazia montada em um cavalo. Com isso, a história se desenvolve em torno de um cavaleiro tentando provar sua existência através de suas ações.

Aplicando os conceitos existenciais, como o de Jean-Paul Sartre, que conta, que a essência existe antes da presença, sendo ela desenvolvida durante

o período de existência. Compreendemos que a falta de um corpo de Agilulfo pode ser entendida como uma ausência de identidade, a dificuldade de estabelecer uma sensação “sólida” de si mesmo. Uma vez que, na ânsia de ser reconhecido e de se sentir pertencente, o cavaleiro, em suas tentativas fracassadas, vai perdendo sua identidade e essência, deixando de existir, pois o reconhecimento e sentimento de pertencimento são elementos que compõem a construção de uma identidade. Também, a inexistência física o impossibilita de possuir sensações e sentimentos, tal como se apaixonar, como ocorre no encontro do personagem com a viúva Priscila, em que o cavaleiro deixa claro a sua impossibilidade de possuir sentimentos de afetos. O fato de não possuir um corpo, Agilulfo é ocupado por uma razão, na qual é endurecida, tornando-o um ser limitado. Buscando sempre ser um cavaleiro perfeito, restringe às percepções ao seu redor, fracassando em seu desejo de provar sua existência e se frustrando profundamente ao fracassar.

Desse modo, o cavaleiro inexistente é um personagem que se assemelha com o indivíduo/sujeito da psicanálise, um ser



comum, na busca da sua identidade, em confronto com suas inseguranças, anseios e questionamentos. A sua jornada coloca em evidência a importância da integração entre corpo e mente para a construção de sua identidade.

Apontamentos sobre a identidade na obra

O cavaleiro inexistente

Helena Pimenta Gurgel

O cavaleiro inexistente, de Italo Calvino, é uma obra-prima do gênero literário que transcende as convenções tradicionais e mergulha profundamente nas complexidades da existência humana. Publicado pela primeira vez em 1959, o romance apresenta uma narrativa rica e filosófica que explora a busca pela identidade e a importância da integridade pessoal. A história se passa durante as Cruzadas, e o enredo principal gira em torno de um cavaleiro chamado Agilulfo Emo Bertrandinio dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura, mais conhecido como Agilulfo. No entanto, há um pequeno problema com Agilulfo: ele não existe fisicamente. Ele é apenas uma armadura vazia que mantém uma rigidez inabalável, desprovida de corpo e alma. Apesar dessa peculiaridade, Agilulfo é considerado um cavaleiro nobre e corajoso.

A história se desenrola enquanto Agilulfo participa de várias batalhas e aventuras ao lado de outros cavaleiros. Ele é acompanhado por diversos personagens cativantes, como a donzela Bradamante, o destemido Orlando e o fiel Gurdulu. Cada personagem reflete uma faceta diferente da condição humana, e Calvino utiliza suas interações

para explorar questões como a natureza da coragem, a importância da identidade e o papel do amor e da lealdade.

O estilo de escrita de Calvino é magistralmente intrincado e repleto de sutilezas. Sua prosa é poética e filosófica, apresentando uma combinação única de realismo e elementos fantásticos. Calvino utiliza uma linguagem vívida e rica em detalhes para descrever as paisagens medievais, as batalhas e os conflitos internos dos personagens. A atenção meticulosa aos detalhes faz com que o leitor se sinta imerso no mundo do romance e ajuda a transmitir a complexidade da condição humana.

Uma das principais forças de *O cavaleiro inexistente* é a maneira como Calvino aborda a questão da identidade. Agilulfo, como um cavaleiro sem corpo, luta para encontrar seu lugar na sociedade. Ele anseia por ser reconhecido como um ser humano completo, apesar de sua falta de substância física. Ao longo do livro, Calvino questiona a natureza da identidade e a importância que atribuímos às aparências externas. Ele nos lembra que a verdadeira identidade reside na integridade interna e nas ações nobres, independentemente das limitações físicas.

O cavaleiro inexistente: a inexistência das narrativas humanas

Isaac Garcia da Luz

Italo Calvino (1923-1985) é um escritor italiano do século XX, um dos principais representantes da literatura italiana, escreveu diversos livros, dentre eles *O cavaleiro inexistente* que foi publicado originalmente em 1959, traduzido e publicado no Brasil em 2005.

A obra vê o homem como um indivíduo que gosta de realizar coisas de modo pleno, que vai além das limitações que a sociedade de certo modo lhe impõe e na qual ele é colocado. Ele é muito importante historicamente na literatura, é um livro cheio de metáforas que nos fazem refletir, além de conter uma pegada leve e cômica.

É um texto que dispõe de muitos diálogos que se fazem presentes durante diversos momentos na leitura, os diálogos são peças fundamentais e por isso é importante que eles existam para que haja fluidez do enredo. O livro fala também sobre a loucura do existir ou não, e faz toda uma analogia sobre o que seria realmente existir, muitas questões são colocadas durante o enredo, e traz consigo a figura de um herói bem caricato de histórias de aventura.

A trama do livro gira em torno de um cavaleiro que não existe, as

sim como o título já deixa bem claro, e não é só um título de fato ele realmente não existe de forma concreta. Durante a leitura do enredo vemos que ele se torna um dos Paladinos da tropa, além de ser um dos principais aliados do imperador Carlos Magno, ele parte numa aventura recheada de humor e questionamentos que fazem os leitores rirem a cada momento, e se questionarem com tamanha comicidade e complexidade apresentadas no enredo.

A história do cavaleiro se passa durante a era medieval, Agilulfo de certa forma tem ciência do regime que lhe é colocado dentro dessa época, ele compreende a dinâmica do funcionamento de um sistema militar, ou seja ele tem ciência que fisicamente ele não existe mas se faz ali presente.

Agilulfo dentre tantas responsabilidades durante o enredo da história está em busca também de defender a virgindade de uma donzela ou seja atrás de uma virgindade perdida há muitos anos, e também entre tantas outras coisas que nos fazem refletir em vários momentos da história.

O enredo gira em torno de alguns personagens, uma freira que

está confinada em um convento que tem como penitência contar e narrar a história do Cavaleiro Agilulfo.

Agilulfo tem um papel fundamental dentro da narrativa da história pois ele atravessa a vida de alguns personagens modificando a trajetória delas dentro da narrativa contada.

Gurdulu é um personagem que tem um certo tipo de transtorno com sua personalidade, é um indivíduo que está sempre adotando a personalidade de alheia e é como se ele não tivesse consciência de sua própria existência, ele é o fiel escudeiro de Agilulfo.

Rambaldo é um jovem apaixonado que vive os seus sentimentos muito à flor da pele, quer vingar a morte do pai sendo guiado pelo desejo cego de vingança, se sente meio deslocado do resto todo. Bradamante é uma peça chave e fundamental para a narrativa, é a única personagem feminina dentro do exército de Carlos Magno além de ser perdidamente apaixonada pelo cavaleiro Agilulfo.

Torrismundo parece não ter sentido e propósito na vida, ele é meio perdido, meio confuso, aparece inicialmente como antagonista e por isso o contato dele com Agilulfo se faz tão necessário para o amarrado da história.

Na leitura do enredo de *O cavaleiro inexistente* é observado diversos aspectos do mundo real que são atrelados a alguns dos personagens como por exemplo Agilulfo e Rambaldo, pois são abordados diversos temas que ligam a história de Italo Calvino a vida real,

mais especificamente temas ligados aos dias atuais.

Nota-se que durante a leitura do livro, o personagem Rambaldo é uma pessoa esforçada e nem um pouco perfeita, e que apesar de todas as suas dificuldades ele enfrenta as coisas da vida sem medo ou coisa assim, e sem esquecer da cobrança cega que existe dentro de si, de ser bem sucedido na vingança de seu pai e de se tornar um paladino e com isso ser bem visto por todos, assim como Bradamante, que pelo seu orgulho e por ser a única mulher do exército tenta se mostrar sempre forte e melhor que os outros no quesito luta e força.

Já na história, o personagem Agilulfo é a “pessoa perfeita” na qual todos respeitam e querem ser, mas com essa fama muitas outras responsabilidades são dadas a ele, gerando assim mais uma vez uma cobrança exorbitantemente exagerada.

Nos dias atuais vivemos num mundo cheio de competições, cobranças, comparações e desavenças, e isso tudo acaba dando vazão a questões citadas por diversas vezes na história *O cavaleiro inexistente* de um modo diferente mas com o mesmo sentido, como por exemplo “a perfeição”, “o ser perfeito” que assim como o próprio nome do título diz “Inexistente”, é algo que não é palpável, é algo inalcançável, pois assim como é na história, é na nossa vida, existem coisas que estão longe das nossas compreensões, das nossas ossadas, tipo a perfeição de Agilulfo

que é algo que não existe a não ser na história fictícia.

A pessoa perfeita por assim dizer não existe, mas sim a pessoa bem sucedida, mas o fato disso não as dita como perfeitas.

Hoje em dia por exemplo existe a questão estética que está muito atrelada a padronização de uma visão da perfeição, onde uma parte x da população principalmente as bem sucedidas estão recorrendo a procedimentos estéticos para se sentirem mais aceitas e colocadas em seus meios sociais de classe e de beleza, assim criando um movimento meio que inconsciente e robótico, afinal a harmonização facial está aí para nos mostrar que geralmente há um mesmo padrão a ser seguido em forma de manada onde todos precisam estar adeptos a perfeição criada em consultórios médicos.

E quando falamos de perfeição essa palavra se atrela a outra diretamente como por exemplo a cobrança, pois na busca de ser aceito, bem sucedido e bem quisto por todos, nós acabamos por nos consumirmos com tanta cobrança e pressão exterior.

E é triste que quando pensamos em cobranças o círculo familiar está muito presente, pois é onde na maioria das vezes começam as enxurradas de julgamentos e cobranças, a família nos dita como ou não nos portamos, qual melhor faculdade ou não fazer, dentre outras coisas que acabam nos limitando de crescermos, na busca de uma perfeição inexistente criada pelos outros e

não por você mesmo, decisões que nos cabe escolher ser ou não verdadeiras.

Os personagens nos permitem enxergarmos o quanto nós mesmos podemos alcançar e enfrentar os nossos monstros e diversas outras coisas e situações mesmo não sendo no tempo em que nós queremos, mas com perseverança, força de vontade e fé tudo se encaminha da melhor forma possível, e que a perfeição nem sempre estará atrelada a ser “o melhor” ou “o primeiro em tudo” mas sim aquele que é feliz e bem sucedido naquilo que faz.

O cavaleiro inexistente narra a história de um cavaleiro que tem como característica ser perfeito e com muitas qualidades, mas que não existe. Tudo começa quando o Rei Imperador Carlos Magno passa em revista aos Palatinos, e nessa revista Carlos Magno depara com um cavaleiro diferente de todos, e para sua surpresa não existe. Entretanto o cavaleiro se apresenta por nome de Agilulfo Emo Bertrandino dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura cavaleiro de Selimpia Citeriore e Fez. Mas sua vontade de servir com excelência é tão grande que passa a existir. Segundo Italo Calvino, é uma obra com surpresas e que prende o leitor.

Italo Calvino (1923-85) nasceu em Santiago de Las Vegas, Cuba, e foi para a Itália logo após o nascimento. Participou da resistência do fascismo durante a guerra e foi membro do partido comunista até 1956. Sua primeira obra foi a trilha dos ninhos de aranha em 1947.

O autor teve grande importância na literatura no séc. XX, sua escrita transcreve muito entre a verdade e a velocidade dos fatos. O cavaleiro inexistente é uma obra que caracteriza sutileza e ao mesmo tempo grandes emoções.

A história é narrada por uma

freira enclausurada que têm como castigo escrever para amenizar seus pecados, ela se coloca como uma pessoa do interior que sempre viveu sozinha, e por conta disso pouco sabe das batalhas, mas usa sua criatividade na imaginação de seus personagens.

Os personagens descritos vão aparecendo aos poucos na narrativa e que cada capítulo algo surpreendente acontece que faz com que o leitor fixe na narrativa. Inicia-se com o Rei Imperador Carlos Magno o grande líder dos Palatinos, que guerreia com seu exército fiel, entretanto por tantas batalhas já se sente cansado pelo peso da idade. Em seguida aparece Agilulfo com sua armadura branca que chama atenção de seu imperador, quando o mesmo descobre que não existe nada por trás daquela armadura, e sim o desejo de servir ao Rei com presteza e dedicação. Rambaldo, aspirante a cavaleiro, aparece na narrativa com intuito de vingar a morte de seu pai. Gurdulu, o fiel escudeiro de Agilulfo é um simples homem atrapalhado que muitas vezes não se dá conta nem de sua própria existência. Bradamante única mulher do exército.

A temporariedade se passa em Paris no período medieval

sob as muralhas vermelhas de Paris.

O cavaleiro inexistente é uma narrativa de ficção com uma crítica psicanalítica dos personagens onde a narrativa leva o leitor a imaginar esse cavaleiro, como alguém perfeito sem defeito, e com consciência de ter eficácia em suas ações. É uma história que nos faz ter uma reflexão sobre o cavaleiro ser inexistente, mas cumpridor de suas tarefas e eficácia em tudo que faz.

Como assim Italo Calvino, Bradamante e Irmã Teodora são a mesma pessoa?

Luana Vitória dos Santos Agostinho

Que Italo Calvino foi um dos mais importantes escritores italianos do século XX isso não podemos negar. *O cavaleiro inexistente* datado de 1959, com o gênero romance ficção se destaca por um texto sincero, ágil e delicado e que também traz reflexões profundas em pouco mais de 100 páginas. O livro tem como personagem principal Agilulfo Emo Bertrandino dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura cavaleiro de Selimpia Citeriore e Fez, vale destacar que só esse nome já pega um parágrafo desse texto. Agilulfo é um cavaleiro do Imperador Carlos Magno e conta a história de como esse paladino que não existe, e que também está na batalha somente pela sua força de vontade, acaba tendo sua honra contestada. Os acontecimentos narrados levam ao cruzamento das histórias de quatro outros personagens, além do cavaleiro inexistente.

Se o epílogo é um capítulo, comentário ou cena, geral e breve, que no final de uma narrativa que se concentra no destino dos personagens mais relevantes com intuito de complemento no sentido da história, ao ler a partir do capítulo onze nos deparamos com vários desfechos dos quais não se havia tantos indícios, pelo título do artigo podemos notar

que teremos vários “spoilers” por aqui.

O principal desses indícios está presente no capítulo doze, que será nosso foco neste artigo, é o fato de que nossa narradora, é uma freira retirada num mosteiro, que narra a história como uma punição, e que nos é apresentada como Irmã Teodora, também é a personagem Bradamante. O fato anterior que nos dá uma certa reviravolta na leitura do livro pois em certos momentos do livro, Irmã Teodora finge não saber de certos detalhes da narrativa, quando na verdade ela fazia parte daquilo que contava.

Após a visita de Rambaldo ao mosteiro da Irmã Teodora, que imediatamente reconhece a voz do cavaleiro, o paladino questiona se aquela não seria uma guerreira, a famosa Bradamante, e se ela não estaria ali refugiada. Teodora da janela do convento se apresenta como Bradamante, levando o leitor a estado de choque assim como nos capítulos anteriores em que vimos um filho deitar-se com sua própria mãe por engano, tal como a freira apaixonada por um paladino que não existe, uma jovem que desperta tanto o medo quando a curiosidade e interesse do leitor é apenas uma mulher indefesa por sua paixão que está dentro de uma armadura e

que também é moldada para os confrontos e que procurou o que faltava nela em um homem que não existe. Apesar de desconfiarmos ao longo da história que Teodora era na verdade uma personagem daquilo que estava contando, a certeza nos é dada apenas no epílogo o que dá ao leitor uma sensação de conforto no coração. A Irmã Teodora ou Bradamante, fala sobre sua penitência que é a redação da história, ela havia se trancado no convento após a decepção com o Agilulfo e por fim ela sobe no cavalo com Rambaldo que sempre foi apaixonado por ela e vão embora em uma diferente jornada. A personagem mostra para nós leitores tanto o seu lado de guerreira, quanto de indefesa ao longo da história.

Isso levanta questionamentos sobre a existência de Agilulfo e, se foi algo tão forte para Bradamante a questão da decepção amorosa com o paladino, que ela decidiu contar a história como se ele não existisse? Se ela omite certos pontos da narrativa temos dois caminhos, o primeiro é que talvez o fato de Teodora estar sentimentalmente ligada aos personagens e ela conta a história do ponto de vista dela isso tire a credibilidade da narrativa, mas em contraponto poderíamos ver que esse fato pode ajudar na riqueza de detalhes que nos é passado também pelo fato do envolvimento dela na história.

O único fato que podemos afirmar é que o livro é simplesmente profundo que nos faz refletir com muita intensidade de forma divertida e contado com o improvável

em várias situações que prendem o leitor do início ao fim principalmente a partir do capítulo sete que é onde se dá início a narrativa, é o ponto que começam os questionamentos ao comportamento de Agilulfo. Calvino fez claras referências ao livro Dom quixote, brincando com o romance dos cavaleiros do rei.

O livro *O cavaleiro inexistente*, de Italo Calvino, mescla fantasia e realidade saindo do estilo neoclássico para o chamado Realismo fantástico. A obra como o próprio título assinala, aborda um cavaleiro que não existe, o nome dele é Agilulfo que durante toda a trama é tratado como uma representação de soldado ideal por seguir todas as regras e normas sem errar.

Percebe-se que suas atitudes para os outros que são existentes de carne e osso se tornam chatas, já que é comum o ser humano errar. Ele é uma representação do perfeito que na vida real não existe já que os seres humanos são falhos, sendo sempre possível evoluírem para algo melhor.

Outro personagem da história é o Rambaldo que procura vingar a morte do seu pai que ocorreu na batalha, durante sua trajetória ele consegue vinga-lo, porém depois acaba indo parar em uma emboscada tendo uma probabilidade grande de morrer, até que aparece um cavaleiro e o ajuda a escapar, ele agradece ao cavaleiro desconhecido que sai sem falar nada, após algum tempo consegue achar o desconhecido e descobre que na verdade é uma mulher, intensidade de

forma divertida e contado com o improvável ele imediatamente se apaixona sentindo vontade de se reapresentar-se para ela e declarar seu amor, Bradamante ao perceber que estava sendo espiada pegou um punhal e jogou em sua direção porém não chegou a acertá-lo, ele com vergonha sai para o alojamento.

Ao voltar para o acampamento com os outros soldados relata sobre Bradamante e eles falam que ela nunca iria quere-lo, pois prefere generais e servos da estrebalaria. Rambaldo não conseguia falar mais uma palavra e a pessoa que ele gostaria de trocar inconfidência naquele momento era com o cavaleiro de armadura branca que para ele seria o único a compreendê-lo.

Bradamante é uma guerreira Amazona que decidiu entrar para o campo de batalha, por admirar a ordem e precisão dos soldados. Ela prega essa perfeição e ordem, porém nem ela mesma é assim, tanto que sua parte do acampamento é a mais desorganizada, se não fosse pelas lavadeiras estaria “pior que um canil”. Ela é a única mulher do exército sendo bastante desejada durante pelos homens, ela é vista como um objeto, como uma mulher que já ficou com muitos. No

capítulo 6, por exemplo, um dos soldados diz para Rambaldo que ela sofre de amor por Agilulfo pelo fato de já ter tido todos os homens existentes faltando o inexistente.

Saindo do ficcional e indo para a realidade vemos que quando uma mulher fica com vários homens é vista com maus olhos, porém quando isso acontece com os homens é considerado normal, trazendo a partir dessa situação a questão do machismo enraizado, em que a mulher não tinha poder de fala nem a autonomia de escolher com quem e quantas pessoas ficaria. Apesar dos preconceitos que possuem contra a mulher, nesse livro a personagem Bradamante atravessa diversas barreiras pelo simples fato de estar na batalha e se posicionar quando quer ou não algo, fazendo com que ela ganhe espaço nesse ambiente, assim como qualquer outro lugar que almeje.

Gurdulu é um homem que não sabe que existe, ele acaba imitando todas as espécies que observa, como se não tivesse consciência de ser um ser humano, no capítulo três onde ele é apresentado, o personagem se mexe como se fosse um pato. Por meio desse exemplo podemos relacionar essa atitude de Gurdulu com a questão da influência do meio. Geralmente quando somos mais novos, somos ensinados como devemos nos comportar em determinadas situações, e até que roupa utilizar para cada momento. Por último resolvi falar sobre a narradora Irmã Teodora que no final do livro se revela como sendo a Bradamante, apaixonada e à espera

de Rambaldo no convento e não pelo cavaleiro de armadura branca. Agilulfo na verdade é um personagem fictício que ela criou para a história de modo a mostrar que a pessoa perfeita não existe.

Em síntese o livro nos faz debater e ter diferentes visões sobre temas atuais como existência, guerra, feminismo, machismo, ciclo da vida etc. Sendo uma obra importante de ser lida a fim de enriquecer nosso conhecimento literário e aumentar nosso vocabulário.

O cavaleiro que tudo faz, mas não existe

Marielle Silva de Azevedo Dantas

O cavaleiro inexistente, de Italo Calvino retrata a história de um cavaleiro, que é caracterizado como perfeito detendo muitas qualidades, porém, ele não existe. A história é narrada por uma freira denominada Irmã Teodora que foi confinada em um convento e foi instruída a escrever este livro.

O livro narra a história de Agilulfo, um soldado de armadura branca, oca, que fala, anda, batalha e interage normalmente, porém sem ninguém dentro, ou seja, o cavaleiro que deveria estar dentro dessa armadura, não existe, mas ainda assim, é o protagonista da história. Agilulfo é um paladino do Exército de Carlos Magno, que luta para que não aconteça o avanço mouro sobre a Europa.

Segundo o autor, essa é uma obra que prende o leitor e que possui muitas surpresas, ele brinca um pouco com o romance de cavalaria e possui algumas referências a Dom Quixote. Nessa obra, o autor resolve abandonar o estilo neorealista, que era o estilo que ele utilizava em suas obras e utilizou o caminho literário que é mais conhecido como Realismo fantástico, onde procura mesclar a realidade com a fantasia, em que cada fase parece ganhar vida própria.

Os personagens vão aparecendo

aos poucos na narrativa, o que, para Italo Calvino, faz com que as pessoas fiquem presas na leitura e esperando cada vez mais surpresas. Os quatro primeiros capítulos são usados somente para inserir todos os personagens, enquanto a história é desenvolvida.

A história se passa na França, em período medieval, e carrega uma narrativa de ficção acrescentada de uma crítica psicanalítica dos personagens inseridos na história, que por o cavaleiro ser inexistente, nos faz ter uma ligeira reflexão por ele conseguir fazer tudo que ele faz, e mesmo assim, não existir. O fato dele não existir, nos faz refletir que tudo só faz parte da realidade, se fizer parte do que acreditamos, se for do nosso contexto de aprendizado. Mesmo o livro sendo datado no século passado, ele é atual, pois traz personagens que são carregados de desconstrução do ideal.

Explorando o epílogo de *O cavaleiro inexistente*

Marília Santos de França Barros

Italo Calvino em sua obra: *O cavaleiro inexistente* fez uso do epílogo para relatar os últimos fatos da história, neste artigo vamos desbravar esse artifício, que apresenta a conclusão da narrativa. Mas antes de analisar o epílogo, se faz necessário apresentar a corrente crítica que será utilizada.

A corrente crítica utilizada nesta análise será o Formalismo Russo que tem uma metodologia voltada para o texto, propõe deixar o autor de lado e se preocupa com o estudo estético da obra. Essa crítica literária enfatiza a leitura próximo ao texto, é responsável por uma renovação de metalinguagem crítica, a norma métrica, o ritmo, a estrutura do conto, a metodologia dos estudos literários e a noção de literariedade. Os formalistas Russos defendem que a estrutura linguística torna a obra literária uma obra literária. O foco deste artigo é fazer uma análise do epílogo do livro *O cavaleiro inexistente*, com base nessa corrente. Como isso será necessário resumir a história.

Na narrativa *O cavaleiro inexistente*, o enredo é passado na França, na época de Carlos Magno e apresenta o personagem Agilulfo Emo Bertrandino dos Guildiverni e dos Altri

de Corbentraz, mostra-o como o cavaleiro ideal, com disciplina, força e fé, que apesar de não existir é uma espécie de armadura branca, oca, que fala, se movimenta, batalha e interage normalmente e é o protagonista do livro. Nos primeiros capítulos são apresentados os personagens; o Rambaldo, um cavaleiro que busca vingar a morte do pai, o Gurdulu, o fiel escudeiro de Agilulfo e no quarto capítulo se tem a apresentação da narradora: Irmã Teodora e a apresentação de Bradamante.

Retomando, o Formalismo Russo tem a descrição dos personagens, como uma de suas características e nessa narrativa são dedicados seis capítulos para essa função. A história mesmo só começa a partir do sétimo capítulo. A narrativa conta as aventuras de Agilulfo, um paladino que se engaja numa jornada para defender seu título que é contestado pelas acusações de Torrismundo, que revelou ser filho de Sofrônia, isso tornaria os feitos de Agilulfo inválidos, ele não seria cavaleiro, com isso a narrativa começa a ganhar corpo, com a busca da virgindade de Sofrônia, Agilulfo e Gurdulu vão a procura de Sofrônia, Bradamante que era apaixonada por Agilulfo vai atrás dele e Rambaldo vai atrás de Bradamante. O personagem principal

e seu escudeiro seguem viagem por toda a França e a narrativa segue contando toda a viagem nos mínimos detalhes, muitas vezes cômicos. Finalmente quando eles encontram Sofrônia a deixam numa praia e vão chamar o exército de Carlos Magno. Na volta Agilulfo se depara com Sofrônia e Torrismundo sendo um casal, ele se desespera some na mata e a história de incesto é desfeita por Sofrônia ao revelar que ele seria seu irmão, teriam a mesma mãe, mas Torrismundo explica que a mãe dele é a madrastra dela, com o problema resolvido Carlos Magno vai procurar Agilulfo, mas encontra a armadura vazia. No último capítulo tem o casamento de Sofrônia e Torrismundo. Gurdulu, antes escudeiro de Agilulfo, torna-se escudeiro de Torrismundo, mas... a história não termina por aí. Vem agora o objeto deste artigo, o epílogo.

Como já mencionado, a função do epílogo é de conclusão, indicando a parte final da narrativa, expondo o desfecho da história, e até trazendo uma nova informação ao leitor. Sabendo disso, vamos aprofundar qual foi a intenção do autor com essa parte final da narrativa, determinando os últimos acontecimentos e relatando o desfecho final dos personagens. No livro *O cavaleiro inexistente* haverá uma revelação no epílogo, informação essa que dará todo o sentido para a narrativa. “Livro, agora você chegou ao fim”... assim narra a Irmã Teodora, enclausurada no convento e à espera de algo. A narradora anseia por novas histórias,

já que entre rezas e sons de sinos nada de novo acontecia... quando da sua janela viu se aproximar Rambaldo à procura de Bradamante. Rambaldo perguntou por Bradamante, e às pressas tirou as vestimentas de freira e vestiu-se de guerreira, revelando que Teodora é Bradamante. Ela era apaixonada por Agilulfo quando foi para o convento, mas entre os campos de guerras, duelos e amores narrados e os tempos dedicados ao convento, passou a gostar de Rambaldo.

No epílogo o autor destaca assim: “Por isso, a certa altura, minha pena se pôs a correr. Corria ao encontro dele; sabia que não tardaria a chegar. A página tem o seu bem só quando é virada e há a vida por trás que impulsiona e desordena todas as folhas do livro”. Com esse trecho nota-se a utilização rítmica da narrativa, uma das características do Formalismo Russo. Com uma linguagem requintada pelo poético e com uma história que intriga por ser história de cavalaria medieval contada por uma mulher, o autor utiliza de ferramentas que prendem a atenção do leitor.

Diante disso entende-se que o olhar feminino da narrativa que o autor colocou, tendo a narradora como uma enclausurada de um convento, foi crucial para o desenrolar da história, tendo em vista que o cavaleiro que não existe carrega o questionamento que permeia a humanidade, ser ou não ser!

O cavaleiro inexistente: uma reflexão sobre identidade e propósito

Pâmela Araújo da Silva

Italo Calvino (1923-1985) foi um escritor e editor italiano. Sua contribuição é amplamente reconhecida, pois utilizou suas obras como meio de entrelaçar o mundo humanístico com o científico. Publicado em 1959, *O cavaleiro inexistente* é uma das obras mais conhecidas do renomado escritor Italo Calvino. Neste romance, Italo brinca com os romances de cavalaria, sendo uma obra repleta de reflexões.

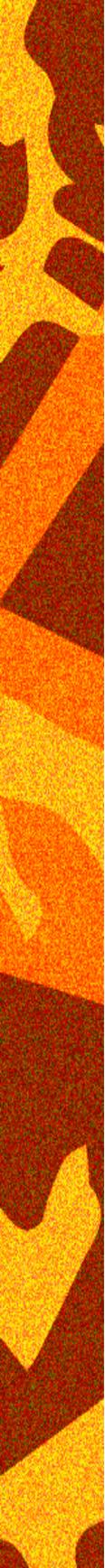
A história se passa no Reino de Carlos Magno, onde o protagonista, Agilulfo se destaca pela sua lealdade e bravura. Agilulfo é um paladino, porém, algo inusitado é o fato de não possuir um corpo físico, possuindo somente uma armadura vazia, sendo uma inexistência que existe. Ele participa de batalhas, defende o império e cumpre seus deveres com honra e coragem. Através da história de Agilulfo, Calvino explora a ideia de identidade, a busca pela perfeição, ele é um símbolo de idealismo e ao mesmo tempo vazio.

A história é narrada pela Irmã Teodora, uma freira da ordem de São Columbano, confinada em um convento e tendo como penitência escrever o presente livro. Ela narra a história de Agilulfo, um cavaleiro de armadura

branca que não existe. Através do protagonista, Calvino aborda o tema do propósito e da busca por um propósito na vida. Ele se dedica completamente ao cumprimento das regras da cavalaria e ao serviço ao rei. Ele acredita firmemente que sua existência está ligada a esses ideais e, dessa forma, encontra um propósito para sua vida. E essa busca por um propósito mostra o vazio físico de Agilulfo, ressaltando a importância de encontrar significado em nossas ações, independente das circunstâncias externas.

O cavaleiro inexistente é paradoxalmente real e irreal ao mesmo tempo. Ele encarna os valores nobres e os ideais da cavalaria, mas também revela as limitações e a fragilidade da existência humana. Essa dualidade presente em Agilulfo nos leva a questionar a natureza de nossa própria humanidade e os dilemas morais que enfrentamos. Bradamante é a principal personagem feminina do livro e o grande amor de Rambaldo.

Ao fim, Irmã Teodora fala sobre sua penitência, que é a redação desta história. Então, ela escuta à frente do convento a conversa entre a guardiã do convento e Rambaldo que estava à pro cura de Bradamante. A Irmã Teodora grita da janela e se revela, ela era na verdade Bradamante



e havia se enclausurado no convento após a desilusão amorosa com Agilulfo. Ela então sobe no cavalo de Rambaldo e vão juntos embora. Agilulfo é exatamente aquilo que se espera de um cavaleiro medieval deste tipo de romance. Devoto, nobre, fiel, corajoso e que por isso mesmo não existe. Do cavaleiro medieval sobrou apenas uma armadura relutante, pois dentro dela há apenas o vazio e a solidão que representam uma visão épica do mundo.

O livro é uma obra-prima da literatura italiana, que demonstra a habilidade de Calvino em explorar temas complexos com uma narrativa envolvente. O cavaleiro inexistente não apenas entretém o leitor, mas também o convida a uma jornada de autocohecimento e reflexão. É uma leitura indispensável para aqueles que apreciam a combinação de ficção fantástica e profundas questões existenciais.

O cavaleiro inexistente: relação da narradora com a personagem Bradamante

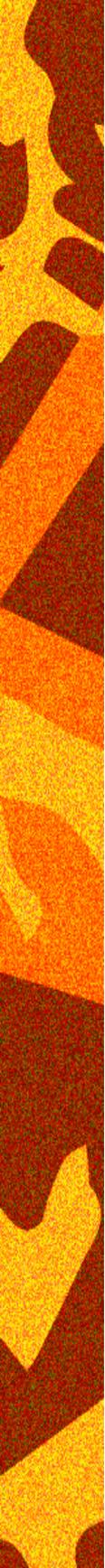
Rosylaine Pereira da Silva

O cavaleiro inexistente de Italo Calvino, publicado em 1959, põem em pauta um romance de cavaleiros em forma de sátira, usando do fantástico para contar a história de Agilulfo, um cavaleiro inexistente, onde é possível perceber apenas sua armadura vazia, porém, sempre cheio de sentimentos e personalidade. Durante o romance, esse personagem principal é tratado como o homem perfeito, que dificilmente existiria na vida real. Desde sua primeira aparição e introdução na história, Agilulfo é colocado como único, alguém perfeito e digno de apreciação.

O livro é desenvolvido com claro senso de humor a todo tempo, desde a descoberta sobre a inexistência do cavaleiro até os últimos momentos da leitura, colocando em pauta a veracidade da história narrada. Nos primeiros 6 capítulos da obra, conhecemos as personas na qual iremos acompanhar a história junto com Agilulfo, sendo eles: Rambaldo, um jovem que anseia por vingança por conta da morte do pai, Gurdulu, o escudeiro de Agilulfo que ao contrário de seu chefe existe mas não possui plena consciência disso, e finalmente Bradamante, uma jovem guerreira que

se tornou a grande paixão de Rambaldo que, no entanto, é apaixonada por Agilulfo, a todo momento dando destaque para a sua perfeição como cavaleiro e como homem. Logo após a introdução de Bradamante na história, conhecemos a narradora da obra, a Irmã Teodora, uma freira entediada e cansada da própria vida enquanto paga sua penitência dentro de um convento, escrevendo a história do cavaleiro inexistente.

Durante a narração, a Irmã Teodora sempre coloca em pauta sua in experiência com assuntos que variam entre cavalaria e amor, envolvendo o leitor com o seu enredo em ser uma pobre freira, que só está falando sobre esses assuntos para pagar sua penitência e ter um lugar no paraíso garantido. Sabendo que naquela época mulheres guerreiras como Bradamante tinham seu tempo de exílio, deixa algumas pistas sobre quem realmente narra o livro. Um outro ponto a ser refletido é a narradora se revelar logo após o primeiro aparecimento de Bradamante, no capítulo quatro, mesmo que ainda não tenha terminado as apresentações dos personagens, por exemplo. Torrismundo só vai ser apresentado depois da aparição da narrado



ra, mesmo com toda importância dele no contexto e desenrolar do da história.

Visto isso, a descoberta de Bradamante ser a verdadeira narradora do livro vem como consequência de todas as pistas colocadas durante a história, tendo como consequência, colocar em dúvida tudo aquilo que foi dito até o momento no livro, colocando em xeque a verdadeira relação de Agilulfo com os personagens, talvez ele seja apenas uma idealização do que ela própria esperava em um futuro amor. Criando ela própria um homem ideal, educado, fiel a ela e as suas virtudes, um verdadeiro cavaleiro imperial. Cansada de todos aqueles homens que corriam atrás dela, Bradamante criou uma idealização sobre o cavaleiro inexistente.

Depois do choque final do último capítulo, Bradamante se encontra com Rambaldo, e vendo ele dentro daquela armadura que ela tanto cobiçava, a esperança daquele homem se tornar real um dia surgiu novamente, provavelmente foi naquele momento que ela entendeu que ele não passava de uma ideia criada por ela. No exílio, Bradamante digeriu tudo aquilo que sentia anteriormente por Agilulfo e projetou em uma paixão por Rambaldo.

O livro *O cavaleiro inexistente* narra a história do cavaleiro Agilulfo Emo Bertrando dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura, um ser que se destaca pela sua impecável armadura branca e pelo fato de não existir. A sua figura é representada por um homem perfeito, muito inteligente, que consegue fugir dos desejos viscerais, suprimindo tudo o que a distopia social da época não permitia. O autor Italo Calvino demonstra isso de forma exemplar ao introduzir na narrativa personagens completamente diferentes do cavaleiro inexistente. Um importante paralelo a essa utopia do cavaleiro inexistente é um personagem que, na história, é bastante identificado como um ser que não tem consciência da sua existência, um homem que se confunde com a ilusão da vida, muitas vezes se disfarçando com a identidade de outros seres e as tomando para si. Dessa forma, ele é chamado de diversos nomes, mas é nomeado por Gurdulu. Outro importante personagem também, que enriquece a narrativa é Rambaldo de Resiginione, um homem que, apesar de ter consciência de sua existência, não tem um propósito de vida, além de querer

se vingar da morte do pai. Ele é um jovem perdido, não sabe quem é, mesmo sendo consciente. Ele é um homem confuso, que busca encontrar algo que faça sentido para a sua vida.

Esses três personagens são interessantes na trama, pois eles constroem uma espécie de quebra cabeça literal, o que falta em um é existente no outro. Um importante capítulo do livro que se observa é o capítulo cinco, pois é um momento na narrativa onde o personagem Gurdulu fica com a cabeça em uma marmita de sopa e acha que tudo é sopa. Neste momento é observado a falta de consciência do Gurdulu sobre quem ele é, das incertezas de Rambaldo, se questionando se realmente a vida não é tudo uma sopa, e da paciência de Agilulfo com a maior consciência dos fatos. Transmitindo assim uma sequência de características que o autor deixou presente no texto.

A obra de Italo Calvino se insere no chamado Realismo Fantástico, um estilo artístico que mistura uma percepção realista do mundo com características fantasiosas. Esse estilo está presente na obra *O cavaleiro inexistente*, com a possibilidade de uma vida que não tem vida, um homem que não é um homem,

um indivíduo que de forma sátira tem um nome enorme para validar sua existência, porém não existe. Esse observar literal do Realismo Fantástico é importante, pois torna real a irrealdade da vida. O livro é repleto de tiradas cômicas que sintetiza uma contradição ao que se apresenta na narrativa do texto, pois eram em épocas de guerra que era desenvolvido a narrativa da história.

Importante ressaltar também que o livro é composto por uma narradora que também está presente na história. Ela é uma freira que cumpre a penitência de narrar a história do cavaleiro inexistente, denominada como Irmã Teodora. Ela sintetiza breves apresentações da sua vida no convento e faz analogias com a vida dos personagens. Essa caracterização na narradora é compreensiva quando, no final, ela se apresenta como uma das personagens no livro, ou melhor, como Bradamante, uma moça que é a única mulher entre vários guerreiros. Uma personagem extremamente relevante, ela é a guerreira perfeita, uma mulher que existe, tem consciência de si mesma e sabe exatamente o que quer. Desta forma ela supre tudo que os guerreiros necessitam, porém, é uma jovem que vive a procura de um cavaleiro perfeito e que acaba por deixar a sua vida para ir atrás de um homem inexistente.

Outros personagens importantes do livro são Torrismundo, um jovem que busca a sua origem e identidade através da identificação dos pais. Sofrônia, uma mulher cheia de segredos,

e presa na sua própria trajetória e vida. E Carlos Magno, o imperador francês, que, na história, parece não se surpreender com o realismo sarcástico que se apresenta, é um homem que não se importa muito com as confusões dos cavaleiros e, geralmente, não segue os bons costumes quando se trata de etiqueta.

Na construção da história, é possível notar uma introdução da identificação política e moral do Autor. Um exemplo é um trecho do capítulo onze, onde os moradores de Curvaldina explicam para Torrismundo que não querem um conde para defendê-los, mas sim alguém que vai ser como um deles, um cidadão de Curvaldina. Torrismundo questiona que ele não tem como ser igual a Gurdulu, que não sabe se existe ou não, e o homem responde que até ele aprendera, pois nem eles sabiam que estavam no mundo, e que também existir se aprende. Esse trecho é caracterizado como um ponto de identificação de um sistema político. A igualdade que a narrativa constrói é uma extensão do comunismo, um sistema que se constrói mediante uma igualdade utópica, onde todos seriam iguais de direito.

O Italo Calvino conquistou uma grande visibilidade internacional com a publicação da trilogia Nossos antepassados, que era composta por O visconde partido ao meio (1952), O barão nas árvores (1957) e O cavaleiro inexistente (1959). Nestas obras o Calvino buscou impulsionar o gênero literário Realismo fantástico, possibilitando uma construção além de fantasiosa e



um pouco sarcástica também. Seu terceiro livro da trilogia *O cavaleiro inexistente* foi dividido em 12 capítulos e com a edição da companhia das letras tem 110 páginas. É um livro que abandona uma temática realista e que usa uma construção metafórica fazendo analogias fortes e possibilitando um questionamento sobre o que é existir.

“Quem somos nós, quem é cada um de nós, senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser completamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.” (Italo Calvino).

O cavaleiro inexistente tem como autor Italo Calvino, escritor italiano do século XX. É um texto de ficção histórica, retratado no período medieval, em Paris, nas muralhas vermelhas de uma grande batalha. Tem como personagem principal o Agilulfo, o cavaleiro que não existia e mesmo assim servia com prontidão, eficácia, coragem e fé ao exército do Rei Carlos Magno. Vestido de uma armadura branca, com bordas escuras. Ao longo da história é sempre acompanhado pelo seu fiel escudeiro Gurdulu, um jovem sem identidade própria, que se assemelha a tudo e todos, tomando assim sempre características diferentes, levado por seus instintos e sempre reconhecido por um nome diferente por onde passa. A inusitada história é escrita por uma freira, Irmã Teodora, que está presa em um convento e tem como penitência escrever. Ela retrata em um de seus trechos que irá falar de paixão e amor, no entanto, os votos feitos a castidade sempre a “protegem” de sentir. A arte de escrever permite-lhe perceber que tudo o que ela achava que sabia se resumia a um nada, comparado a tudo o que poderia despertar e descobrir no mundo imaginário

enquanto a história é desenvolvida.

A história se passa na França, em período medieval, e carrega uma narrativa de ficção acrescentada de uma crítica psicanalítica dos personagens.

Agilulfo torna-se cavaleiro por ter defendido a nobre Sofrônia, uma virgem, de um estupro. No entanto, o cavaleiro descobre que um de seus colegas de batalha, Torrismundo, se diz filho de Sofrônia, colocando seu título de cavaleiro em risco.

O desfecho da história é baseado no questionamento da veracidade dos fatos, levando Agilulfo e Gurdulu a vivenciarem muitas aventuras, em busca de encontrar Sofrônia e entender a verdade. A obra traz consigo grandes emoções e até mesmo engraçadas, exige da criatividade e imaginação de seus leitores para visualização de muitas cenas.



